

CORDEL: A ARARA-AZUL-DE-LEAR

AUTOR: FABIANO GUMIER COSTA



JOÃO PESSOA, PARAÍBA, 2024

Copyright© Fabiano Gumier Costa, 2024

Todos os direitos reservados.

Autor: Fabiano Gumier Costa

Diagramação, capa e impressão: pelo autor

Capa elaborada a partir de fotografias de minha autoria durante o censo populacional da arara-azul-de-lear, em setembro de 2024, em Jeremoabo (Raso da Catarina, Bahia).

Referência técnica: Plano de ação nacional para a conservação da arara-azul-de-lear (ICMBio, 2012).

É vedada a reprodução, alteração ou comercialização sem a autorização do autor.

João Pessoa, Paraíba.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Costa, Fabiano Gumier
Cordel : a arara-azul-de-lear / Fabiano
Gumier Costa. -- 1. ed. -- João Pessoa, PB :
Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-32155-4

1. Poesia brasileira I. Título.

25-251239

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Arara-azul-de-lear
Grave aí o nome dela
Belíssimos tons de azul
Bochecha cor amarela
Como todo psitacídeo
Resistente ao genocídio
Que os homens fazem com ela

Ela tem o bico negro
Alto, forte e recurvado
A cauda é muito longa
Papo azul-esverdeado
Dorso e asas de azul cobalto
Voa lindo e bastante alto
No céu um show bem pintado

Um detalhe na barbela
Que faz muita distinção
Triangular quase a forma
Amarela região
Mais forte ao redor do olho
Tal lição é a que colho
De flava coloração

Capturada com frequência
Sofreu efeito nocivo
Ela é grande e robusta
E fascinante ser vivo
Infelizmente caçada
Foi tanto já capturada
Prejuízo gradativo

Voavam e agitavam
Milhares, quiçá milhões
Silhuetas tão distintas
Dormindo nos paredões
Mas o instinto natural
Não impediu todo o mal
E as humanas intenções

Pois, caçada ou depenada
No sertão tornou-se rara
Restrita a poucos locais
Grave apuro vive a Arara
População encolheu
Cientista enterneceu:
Como uma extinção se para?

No Nordeste brasileiro
Descoberto um santuário
Território bem famoso
Causa de um missionário
No Raso da Catarina
A região que fascina
Por sua gente e cenário

Quando a espécie foi descrita
Por um tal de Bonaparte
Só conheciam a pele
De museu de história e arte
Para a Europa sequestrada
Mais riqueza foi roubada
Como o coração se parte

Museus da Europa guardam
Um precioso tesouro
Das Américas e mundo
E não somente puro ouro
Mas como se bota preço
Na identidade e no apreço
As custas do matadouro?

Usurpação e morticínio
Volume monumental
Nem sabiam procedência
De tanto material
No registro só Brasil
Certeza, alguém sumiu
Com todo o memorial

Graças a Olivério Pinto
Pesquisador Brasileiro
Quem achou no Pernambuco
Exemplar em cativeiro
Pouco ou nada se sabia
Sugeriu ser da Bahia
Um achado pioneiro

Após essa descoberta
Houve avanços importantes
Helmut Sick e seus parceiros
Comprovaram não distantes
Havia na região
Esperando proteção
Araras poucas restantes

Paulo Afonso, Santa Brígida
E Sento Sé glorioso
Também Euclides da Cunha
Monte Santo generoso
Canudos, Jeremoabo
Fora daí deu-se cabo
Não falte Campo Formoso

O rio Vaza Barris
Viva artéria do lugar
A luta testemunhou
De quem foi recomeçar
Distante e quase esquecida
Uma gente empobrecida
Que o governo foi caçar

O Massacre de Canudos
Foi descrito nos "Sertões"
Narrou Euclides da Cunha
Barbaridades, canhões
O povo viveu um calvário
Contra simples ideário
De crenças e convicções

Desde a década setenta
Passou a ser mais estudada
De olho na população
Da espécie monitorada
Foi bem triste e assustador
Pois o homem e seu terror
Deixaram-na ameaçada

Imponentes paredões
As chapadas de arenito
Uns falam em criador
Eu sobre fé não palpito
Mas a paisagem é rica
Todo mundo doido fica
Como muitos têm escrito

Uma Caatinga seca
Onde chove bem pouquinho
Como suporta essa Arara
Adaptar-se e fazer ninho?
Mas tenho que lhe contar
Quando acorda e vai voar
Natural é seu caminho

Na rotina dessas aves
Um cardápio especial
Ela busca nos sertões
A palmeira essencial
Por Licuri conhecida
Na região ela dá vida
Alimento cultural

Andando por lá eu vi
O baile da natureza
Antes ainda da alvorada
A algazarra com beleza
Acordam para voar
Gostando de se amostrar
Sem nenhuma sutileza

Um projeto inovador
Com o fim de proteger
A espécie tão castigada
Que o mundo queria ver
Então o CEMAVE assumiu
Grupo forte reuniu
Para a extinção reverter

Pessoas da região
Fazendeiros, cientistas
Cada qual com sua ajuda
Também especialistas
Criaram uma corrente
Formou uma ruma de gente
Entre tantos ativistas

A partir de dois mil e um
Houve censo organizado
Tudo bem desenhadinho
Mas podia dar errado
Ainda muito se matava
O tráfico não parava
Negócio amaldiçoado

Pouco acima de duzentas
Araras foram contadas
Ao destino da extinção
Estavam sim condenadas
Impedida de existir
Essa espécie ia sumir
Como tantas malfadadas

Mas um projeto bem feito
Não pensa apenas no bicho
Tem que avaliar contexto
Espalhar um bom bochicho
Ouvir bem e conhecer
Alinhar e convencer
Para rodar no capricho

Uma das queixas do povo
Era ataque a milharais
Agricultor descontente
Por prejuízos reais
Certo tempo se pagou
Milho mesmo não faltou
Por culpa dos animais

O Licuri rareava
Razão do desmatamento
Expansão de roça e pasto
Levando ao decaimento
Menos frutos, mais distância
Logo a principal substância
Que lhe dava suprimento

Mas anos se passaram
Hoje vamos celebrar
Em dois mil e vinte e quatro
Lá fui, ajudei a contar
São duas mil e quinhentas
Um pouco mais, sempre atentas
Vivem naquele lugar

São gerações de estudantes
Muitos pais e professores
Escrevem a nova história
Cultivam esses amores
Mas no trecho percorrido
Sacrifício foi sentido
Muito espinho e dissabores

Não se pode cochilar
Reduzir todo o cuidado
Uma espécie tão visada
Com comércio interessado
Advirto-lhe gaioleiro
Ave não é de viveiro
Tal caminho é errado

O Manto Tupinambá
Patrimônio Cultural
É natural por inteiro
Bem próprio nacional
Pode parecer ladainha
Uma outra espécie a Ararinha
Foi aprisionada igual

Em geral toda a avifauna
É por demais importante
Sob o risco de extinção
Muitas sofrem no instante
Na Caatinga há listadas
Espécies já castigadas
Com população minguante

Há em torno de quarenta
No Plano Nacional
Várias ações pactuadas
Um projeto impessoal
Orçamento sempre falta
A pressão também é alta
Um problema estrutural

A população é prova
Ser possível o reverso
Chega de ilegal comércio
De cativo perverso!
Levadas ao estrangeiro
Aves viram vil dinheiro
Um negócio controverso

É tempo de reforçar
No meu texto uma mensagem
Ave deve viver solta
Em original paisagem
Educando desde a escola
Contra o comércio e gaiola
Com ciência na abordagem

Sinceramente defendo
Tenho determinação
No Raso da Catarina
Que mais sintam a emoção
De seguir ela voar
Arara-azul-de-lear
Colorindo o paredão

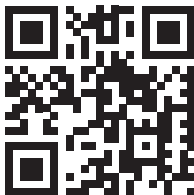
Contato com o autor:

fgumier@gmail.com

Instagram: @fabianogumier

www.gumier.com.br

Baixe o “PDF” gratuitamente



ISBN: 978-65-01-32155-4

ORL



9 786501 321554

CORDEL: A ARARA-AZUL-DE-LEAR

AUTOR: FABIANO GUMIER COSTA



JOÃO PESSOA, PARAÍBA, 2024